

A Práxis Pedagógica Na Interface Entre Letras E Técnica: O Desafio Da Comunicação De Riscos Na Formação Profissional

A Práxis Pedagógica Na Interface Entre Letras E Técnica: O Desafio Da Comunicação De Riscos Na Formação Profissional

Pedagogical Praxis At The Interface Between Humanities And Technique: The Challenge Of Risk Communication In Professional Training

Mônica dos Reis Trevisani

1. INTRODUÇÃO

A educação profissional no Brasil carrega a nobre e complexa missão de preparar indivíduos não apenas para o manejo de máquinas e ferramentas, mas para a compreensão crítica dos processos produtivos e sociais que envolvem o trabalho. No cerne dessa formação, especificamente na área de Segurança do Trabalho, reside um desafio frequentemente subestimado: a barreira comunicacional. Minha trajetória de mais de três décadas na educação pública paranaense, transitando da alfabetização fundamental à especialização técnica em segurança, revelou que a maior lacuna na prevenção de acidentes não é a falta de tecnologia, mas a falha na transmissão e interpretação da informação de risco.

Este capítulo propõe-se a discutir a centralidade da comunicação técnica na formação do profissional de segurança, sob a ótica de uma práxis pedagógica que une o rigor da norma culta à pragmática da vida industrial. A experiência acumulada no magistério estadual e municipal, aliada à especialização em Educação Especial e Inclusão, permite uma análise que vai além da gramática normativa. Trata-se de entender como a linguagem constrói a percepção de risco e como o educador pode instrumentalizar o futuro técnico para ser um comunicador eficaz em ambientes laborais heterogêneos e, por vezes, hostis à cultura prevencionista.

Abordaremos, inicialmente, a especificidade do discurso técnico de segurança e a necessidade de um letramento específico. Em seguida, discutiremos as estratégias andragógicas para o ensino da comunicação em cursos técnicos, considerando o perfil do aluno trabalhador. Por fim, refletiremos sobre a inclusão e a acessibilidade comunicacional como fronteiras éticas e técnicas da profissão, demonstrando que a

A Práxis Pedagógica Na Interface Entre Letras E Técnica: O Desafio Da Comunicação De Riscos Na Formação Profissional

segurança do trabalho é, antes de tudo, um ato de comunicação humana voltado à preservação da vida.

2. O DISCURSO TÉCNICO: ENTRE A NORMA E A REALIDADE OPERACIONAL

A Segurança do Trabalho possui um léxico próprio, um dialeto técnico que precisa ser dominado para que haja interlocução com engenheiros, médicos, auditores e juízes. Termos como "risco", "perigo", "ato inseguro" e "condição ambiente" possuem definições jurídicas precisas nas Normas Regulamentadoras (NRs). O papel do professor de comunicação técnica é atuar como um tradutor e um facilitador desse novo vocabulário. O aluno chega à escola técnica, muitas vezes, com uma linguagem coloquial que, embora funcional no cotidiano, é insuficiente para a redação de um laudo pericial ou de um Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA/PGR).

O desafio pedagógico consiste em promover a ascensão à norma culta e técnica sem estigmatizar a linguagem de origem do aluno. É preciso demonstrar que, no ambiente profissional, a precisão vocabular é uma questão de responsabilidade civil. Ensinar a diferença semântica entre "prevenção" e "proteção", ou entre "acidente" e "incidente", não é preciosismo linguístico; é a base para a classificação correta de eventos e para a proposição de medidas de controle eficazes. A sala de aula torna-se um laboratório onde se dissecam relatórios reais, identificando onde a imprecisão da linguagem poderia ter permitido a ocorrência de um sinistro.

Além do vocabulário, há a estrutura dos gêneros textuais técnicos. O relatório técnico, a carta comercial, o memorando e o e-mail corporativo possuem estruturas rígidas que garantem a fluidez da informação nas organizações. A prática de ensino deve simular essas produções. O aluno deve ser desafiado a relatar um acidente fictício com objetividade, imparcialidade e clareza, respondendo às perguntas fundamentais: o quê, quem, quando, onde, como e por quê. Essa estruturação do pensamento lógico através da escrita é uma das competências mais valorizadas pelo mercado de trabalho e uma das mais difíceis de desenvolver.

A Práxis Pedagógica Na Interface Entre Letras E Técnica: O Desafio Da Comunicação De Riscos Na Formação Profissional

A leitura instrumental de legislação é outro pilar. As NRs são textos híbridos, técnicos e jurídicos. A metodologia de ensino deve capacitar o aluno a navegar por essa estrutura, compreendendo a hierarquia das leis, decretos, portarias e normas técnicas. A interpretação de texto aqui se torna uma ferramenta de *compliance*. O técnico que sabe ler a norma sabe argumentar com o empregador sobre a necessidade de uma proteção de máquina ou de um equipamento de proteção individual (EPI). A linguagem, assim, torna-se um instrumento de poder e de defesa da integridade do trabalhador.

3. ANDRAGOGIA E METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DA COMUNICAÇÃO

O público da educação profissional técnica é majoritariamente adulto ou jovem adulto. Muitos já estão inseridos no mercado de trabalho e buscam qualificação ou recolocação. A abordagem pedagógica tradicional, baseada na transmissão passiva de regras gramaticais, mostra-se ineficaz e desestimulante para esse perfil. A andragogia propõe que o aprendizado do adulto deve ser baseado na resolução de problemas reais e na valorização de sua experiência prévia. No ensino da comunicação técnica, isso se traduz em metodologias ativas que simulam o cotidiano da profissão.

Uma estratégia eficaz é a simulação de Diálogos Diários de Segurança (DDS). Os alunos são convidados a preparar e apresentar temas de segurança para a turma, simulando uma conversa com operários no canteiro de obras. Nesse exercício, avalia-se não a gramática normativa estrita, mas a capacidade de adequação da linguagem ao público-alvo, a clareza da exposição, o tom de voz e a capacidade de persuasão. O *feedback* dos colegas e do professor ajuda a moldar a postura comunicativa do futuro técnico, preparando-o para enfrentar a resistência e o ceticismo que muitas vezes encontrará nas empresas.

O uso de estudos de caso reais de acidentes de trabalho, amplamente disponíveis em bancos de dados públicos e notícias, serve como base para a produção textual. Ao analisar um acidente real, o aluno percebe a relevância de sua escrita. Pedir que ele redija o relatório de investigação daquele acidente conecta a teoria da comunicação à prática da segurança. Ele percebe que seu texto terá consequências: poderá evitar novos acidentes

A Práxis Pedagógica Na Interface Entre Letras E Técnica: O Desafio Da Comunicação De Riscos Na Formação Profissional

ou, se mal escrito, poderá obscurecer as causas raízes e perpetuar o risco. Essa responsabilidade ética engaja o aluno no processo de aprimoramento de sua escrita.

A tecnologia também deve ser aliada. O uso de ferramentas digitais para a elaboração de apresentações, planilhas e documentos colaborativos prepara o aluno para a realidade informatizada das empresas. A comunicação hoje acontece também via aplicativos de mensagens e plataformas de gestão. Ensinar a etiqueta digital, a concisão necessária em mensagens corporativas e a organização de arquivos digitais faz parte do currículo oculto da comunicação técnica moderna. O professor, atento às mudanças trazidas pelo Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), deve integrar essas novas mídias à sua prática docente.

4. A INCLUSÃO COMO IMPERATIVO DA COMUNICAÇÃO EM SEGURANÇA

A minha especialização em Educação Especial e Inclusão de Alunos com Necessidades Especiais trouxe um olhar diferenciado para a prática na educação profissional. A segurança do trabalho deve ser universal. Isso significa que a comunicação de riscos deve ser acessível a todos os trabalhadores, independentemente de suas limitações físicas, sensoriais ou cognitivas. O técnico em segurança formado sob essa perspectiva inclusiva torna-se um profissional diferenciado e humanizado.

Na sala de aula, discutimos como adaptar um treinamento de segurança para um trabalhador surdo. Como sinalizar uma rota de fuga para um trabalhador cego? Como explicar um procedimento complexo para um trabalhador com déficit cognitivo ou baixo letramento? Essas questões forçam o aluno a sair da zona de conforto da comunicação verbal padrão e explorar recursos multimodais. O uso de cores, símbolos universais, texturas, alertas sonoros e visuais integrados passa a ser visto não como "extra", mas como essencial para a eficácia do sistema de segurança.

A inclusão também passa pela linguagem não discriminatória. O ambiente industrial, historicamente masculino e por vezes hostil, carrega vícios de linguagem que podem configurar assédio ou discriminação. O ensino da comunicação técnica deve abordar a ética na linguagem, promovendo o respeito à diversidade de gênero, raça e orientação

A Práxis Pedagógica Na Interface Entre Letras E Técnica: O Desafio Da Comunicação De Riscos Na Formação Profissional

sexual. Um ambiente de trabalho respeitoso é, comprovadamente, um ambiente mais seguro, pois favorece a cooperação e a comunicação aberta sobre falhas e riscos. O técnico em segurança, como líder educador, deve ser o exemplo dessa postura inclusiva e respeitosa.

Além disso, a própria sala de aula técnica é um espaço de inclusão. Recebemos alunos com as mais diversas trajetórias e dificuldades de aprendizagem. A práxis pedagógica deve ser acolhedora, adaptando avaliações e métodos de ensino para garantir que todos alcancem as competências necessárias. O professor de comunicação atua muitas vezes no resgate da autoestima intelectual do aluno que teve uma escolarização básica fragilizada, mostrando-lhe que ele é capaz de aprender, de se expressar e de se tornar um profissional competente e valorizado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intersecção entre a área de Letras e a área Técnica, vivida intensamente em minha carreira, demonstra que a dicotomia entre "humanas" e "exatas" é falsa e prejudicial na formação profissional. A Segurança do Trabalho é uma ciência humana aplicada, pois lida com a preservação da vida e da integridade de pessoas. A comunicação é a ferramenta que operacionaliza essa preservação. Sem a palavra clara, a norma é letra morta. Sem o treinamento eficaz, o EPI é apenas um objeto inerte.

O ensino da Comunicação Técnica na educação pública do Paraná tem formado gerações de técnicos que levam para as indústrias, hospitais e canteiros de obras não apenas o conhecimento técnico, mas a capacidade de dialogar, de convencer e de educar. É através dessa competência comunicativa que a cultura de segurança se instala e se perpetua. O educador, nesse processo, é um multiplicador silencioso de vidas salvas. Cada relatório bem escrito, cada DDS bem ministrado por um ex-aluno é a prova de que a educação linguística é, em última instância, uma ferramenta de proteção social indispensável ao desenvolvimento do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Práxis Pedagógica Na Interface Entre Letras E Técnica: O Desafio Da Comunicação De Riscos Na Formação Profissional. Volume 1, (2026). Editora Acadêmica Aluz. São Paulo - SP

A Práxis Pedagógica Na Interface Entre Letras E Técnica: O Desafio Da Comunicação De Riscos Na Formação Profissional

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2013.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2015.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular do Paraná: Educação Profissional**. Curitiba: SEED, 2019.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.